

# Duas concepções do Desporto

por — FERNANDO SEABRA

Pelo que apontámos no nosso último artigo, verifica-se que o desporto pode conseguir a melhoria integral do homem, aumentando-lhe a capacidade de produção e protegendo-o contra a infinidade de doenças que ceifam actualmente enorme percentagem.

Mas tal acção só se verificará, ultrapassado certo limiar de organização do trabalho e reformado o actual sistema desportivo. Com o presente estado de ambos jamais o homem poderá colher quaisquer melhoramentos eficazes. Com efeito, o desporto exige antecipadamente certo capital de energias que infelizmente só se encontra em escassos ambientes.

Não é suficiente apontar o desporto como o factor capaz do aperfeiçoamento do homem. Interessa imediatamente estudar as possibilidades que o nosso povo tem de se lhe entregar.

Por isso, é critério metafísico estudar o desporto abstractamente sem o relacionar com os homens, como se ele fôsse coisa que encerrasse em si mesma as razões da sua existência (1). Para que todas as contradições internas da sua estrutura surjam flagrantes, temos de o olhar como ele é.

Logo, qualquer análise do fenómeno desportivo que abstraia das suas dependências da vida concreta conduzirá inevitavelmente a resultados falsos.

Temos pois de estudar, além da estrutura financeira das organizações desportivas, as condições económicas dos praticantes e talvez daí possamos colher elementos capazes de nos explicarem as razões, não só do abastardamento do desporto, como das conseqüências paradoxais que se verificam nos seus praticantes.

Ao entrarmos num campo de futebol, numa praia (e dizemos praia, porque piscinas ainda só as vimos em cinema) seria razoável esperar que, dadas as vantagens que a fisiocultura traz ao homem, depárrásemos com o belo espectáculo de verdadeiros atletas, respirando saúde, força e beleza, numa luta leal, plena de camaradagem.

E na verdade o que vemos? Um punhado de enfezados,

animados simplesmente pelo bem patente desejo de ganhar, ainda que a custa da desorganização e violência. Todos vos sabeis que, infelizmente, não exagerámos. O actual desporto é a negação absoluta da sua verdadeira finalidade e só poderia agradar aqueles que nele apenas veem o meio de apregoar hipóteses superhumanas e crueldades ou de conquistar popularidade.

Vamos tentar investigar as causas de tão singular inversão de conseqüências.

Na análise do fenómeno desportivo deparamos, ao lado do factor de melhoramento individual, o factor de agrado colectivo, que concede ao desporto e à gymnastica atributo de espectáculos de agrado certo. Se, como seria ideal, se atendesse exclusivamente ao primeiro, procurando no desporto o processo do melhoramento integral do individuo, ver-se-ia então esse melhoramento a realizar-se em todos aquêles que na educação física viram o correctivo das deficiências orgânicas congénitas ou adquiridas, ou o derivativo indicado para um trabalho intelectual absorvente.

Mas preferiu-se desprezar a autêntica finalidade do desporto para destacar aquilo que nêle é apenas acessório: a sua faceta espectacular.

Aparece uma organização financeira que tem as suas bases na facilidade com que o público abre a bolsa para assistir a um desafio ou corrida. E mercê dessa mesma organização, a chamada dos homens para o desporto não preside qualquer critério desinteressado de fortalecimento de depauperados ou melhoria daquêles que o necessitam. Procura-se exclusivamente buscar elementos que maiores garantias comerciais dêem ao espectáculo. Daí o aproveitamento de individuos fisicamente incompetentes, candidatando-os à tuberculose, sem o menor critério de orientação desportiva. Escolhe-se para o futebol um habilidoso da bola, ainda que o seu físico só possa ser melhorado através do atletismo. Uma inspecção médica benevolente (e só assim se explica a quantidade de individuos mortos em plena carreira desportiva) considera-os sempre aptos desde o momento que eles revelem qualquer habilidade para os desportos comerciais. A gymnastica é olhada como acessório supérfluo, visto que só fornece proveitos ao individuo, e não ao clube. Uma vez em luta, anima-os apenas o desejo da vi-

tória, pois que, obtida esta, o clube os saará recompensar.

É esta a deformação que a maneira como o desporto é controlado actualmente imprimiu ao ideal desportivo. Evidentemente que, uma organização que de tal maneira inverte e falsifica a autêntica finalidade da actividade desportiva, transformando-a em mais um elemento de degradação do homem, não pode de forma alguma servir mais e por isso urge substituí-la.

Suponhamos agora o nosso país fornecido de norte a sul, de estádios que não fôsem propriedade de empresas comerciais falsamente desportivas, mas de todos; de piscinas permitindo a prática da natação com qualquer tempo; de uma orientação desportiva racional, dirigindo os praticantes para a modalidade conveniente; numa palavra, um desporto organizado segundo as normas eficientes e com uma larga base gymnastica. Suponhamos ainda a orgânica desportiva interessada apenas em fortalecer o povo, sem preocupações de ordem lucrativa e isenta portanto da venalidade e corrupção que agora armazenam e instilam nos praticantes. Em resumo, e para não obrigarmos a imaginação do leitor a mais violentos exercícios, suponhamos instalada uma orgânica do desporto perfeita, como já existe nos países onde elle é encarado como um elemento de valorização técnica, fisiológica, ética e social do homem.

Estudemos agora as nossas possibilidades em face duma tal organização.

Uma vez que qualquer actividade do homem não se pode separar dos fundamentos económicos da sociedade onde elle vive, cumpre-nos estudar o clima económico dos praticantes da fisiocultura.

A quasi totalidade daqueles que actualmente praticam o desporto é recrutada entre os que trabalham. (Existe o profissionalismo em Portugal, é certo. Mas elle abrange apenas certos jogadores dos clubes cujas receitas o permitem, meia dúzia dêles, o que bem pouco é, relacionado com a multidão daqueles a quem o desporto não remunera.) Operários, empregados de escritório e comerciais, são as classes que fornecem aos campos maior contingente. Mal alimentados, não podem dispendir nos campos o potencial de energias suplementares que

o desporto lhes exige. E então quemam as energias próprias, debilitando-se e predispondo-se para todas as doenças. Além disso as condições higiénicas deficitárias, finhas ainda da escassez financeira, o precário estado de saúde fornecido por uma hereditariedade viciosa, o alcoolismo predispondo para a tuberculose, o excesso de fadiga, a falta de educação sexual, deixando-o inerme para o combate à sífilis, são outros tantos factores da fragilização do individuo a incapacitá-lo para o exercicio desportivo. Mas as exigências do comercialismo das empresas desportivas que veem no desporto um dos processos de desviar a atenção de problemas mais importantes, não atendem a essa incapacidade ao seleccionar elementos para os estádios. E os resultados são desta forma contrários ao que deveriam ser. O desporto torna-se improficuo, desde que seja orientado de tal forma.

E a mulher? Necessitando mais ainda que o homem da educação física, uma vez que só esta a pode proteger contra o tremendo choque da maternidade, ella vive contudo completamente arredada dos campos de cultura física. Os preconceitos seculares que reprovam esta actividade na mulher são gelo que só raras têm coragem de romper. Enquanto estes convencionalismos estreitos a envolverem ella viverá afastada dum tonificante contacto com a natureza.

Mas nas relações da mulher com o desporto outro problema surge, aos nossos olhos. Trata-se da dificuldade, quasi constituindo incompatibilidade, que a mulher empregada tem para praticar a fisiocultura.

É do conhecimento de todos os que não andam deliberadamente afastados das realidades do mundo a maneira como é recompensada a mulher que tem de sustentar os seus ou que aproveitou as suas capacidades de trabalho em restabelecer o equilibrio dum orçamento doméstico deficitário. Ella é considerada uma espécie de sub-homem. Essa arbitrariedade, filha duma absurda idéa de inferioridade, que os interessados no trabalho pelo minimo preço insistem em manter, obrigam a mulher a procurar suprir de qualquer forma, fora das horas do trabalho regular, a magreza da sua remuneração.

E' então o trabalho de costura pela noite dentro, em po-

(1) Neste sentido mistificador tem-no feito o Sr. Silvio Lima.